

**ACERVO MUSEOLÓGICO BRASILEIRO COMO  
REFERÊNCIA À VIDA MUNDANA DE JUDEUS  
EUROPEUS NO INÍCIO DO SÉCULO XX\***

**NANCY ROZENCHAN**

**Abstract**

One of the difficult decisions of a Jewish museum in formation, as is the case of the Jewish Museum in São Paulo, is how to deal with the variety of objects offered or received in donation. Not necessarily belonging to a particular niche of the community, objects can however constitute strong elements for the re-elaboration of the history of the immigrants. These are objects of everyday life. This is the case with the guest book that belonged to the donor's grandmother, Berlin, born as Mrs. Ellen Lore McQuoid which was recovered several years after the war in the semi-destroyed building where her grandmother had lived. The history of the agents involved in this report and of some other objects account for life in Germany, escape of Nazism and installation and life in Brazil and in other countries.

*Key words:* Ellen Lore McQuoid, Jewish Museum of São Paulo, museum collection, Jewish life in Berlin, flight from Germany, Jews in Rolândia

- \* Sou profundamente grata à Sra. Ellen Lore (Sara Levy) McQuoid, pelas muitas horas dedicadas a relatar a sua história e a esclarecer pontos complexos da mesma, além do direito do uso de algumas de suas fotos particulares. Sou igualmente muito grata à diretoria do Museu Judaico de São Paulo, na pessoa de seu presidente, Dr. Sérgio Daniel Simon, pela cessão do uso de fotos de objetos do acervo do Museu. Agradeço também a Silvia Judith Tarasantchi, do Conselho Curador do Museu, pelo apoio técnico no manuseio das ilustrações.

Como em todas as partes para onde judeus imigraram, carregaram consigo, quando puderam, além de objetos ligados à prática religiosa e bagagem regular, recordações do mundo que foi deixado para trás. Tempos depois, voltaram-se, por vezes, às recordações dos objetos de outrora. Os objetos têm vida mais longa do que a dos seus proprietários. E quando os antigos donos se vão, é que eles, mais ou menos preciosos, vão para o museu. Pela variedade ou pela excentricidade, esses materiais museológicos se prestam a compor perfis de imigrantes, sua origem e, eventualmente, a detalhar alguns aspectos da sua vida em solo brasileiro. Para esse propósito, certos itens, em sua maioria do acervo do Museu Judaico de São Paulo, diversos deles com mais de cem anos, que, pelo seu uso, podem ser caracterizados como mundanos, ou seja, bens materiais e transitórios ligados a algum aspecto de bem-estar e prazer, foram selecionados.

Considerando que esse Museu tem como missão ser

uma entidade geradora e difusora de conhecimento sobre o judaísmo e o que é ser judeu, ampliando o diálogo entre pessoas de diferentes culturas e religiões para uma convivência harmônica na sociedade brasileira<sup>1</sup>

a singularidade desses objetos e, em especial, as histórias em que estão imbricados ajudam a compor um relato amplo da trajetória dos mesmos e respectivos doadores.

Ater-me-ei àqueles doados ao Museu pela Sra. Ellen Lore Sara Levy McQuoid, nascida Ellen Lore Levy, em 1928, de Berlim, a quem sou gratíssima pelas muitas horas que colocou à minha disposição quando expôs a excepcional história de sua família, aos quais foram acrescidas imagens de outros objetos que continuam em seu poder.

É sabido que, na Alemanha, do século XIX às primeiras décadas do século XX, a participação ou a porcentagem de presença judaica em diversos ramos culturais, econômicos e profissionais foi altamente expressiva. A gama foi ampla: dos salões literários berlinenses conduzidos especialmente por mulheres, aos banqueiros, artistas de todas as categorias, cientistas

1 Estatuto do Museu Judaico de São Paulo.

e empreendedores, jornalistas, advogados, políticos. Em sua maioria, eram praticantes do judaísmo liberal. Ellen e seus familiares estiveram representados em diversas dessas categorias.

Ellen partiu de Berlim uma semana antes do início da guerra, no dia 8 de setembro de 1939, pouco antes de completar onze anos; chegou ao Brasil em 1941. Dentre outros objetos, doou materiais que pertenceram à sua avó materna Florette Hagelberg<sup>2</sup>, como foto da mansão berlinense dos avós enquanto casados, na elegantíssima Thiergartenstrasse 2-B, mansão



Figura 1: Casa da família Hagelberg em Berlim  
Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

2 Florette (Freudenthal) Hagelberg (1866-1942).

essa destruída na I Guerra; vinte e dois exemplares de textos jocosos ou paródicos em formatos diversos de *Tafellieder*, canções e composições em

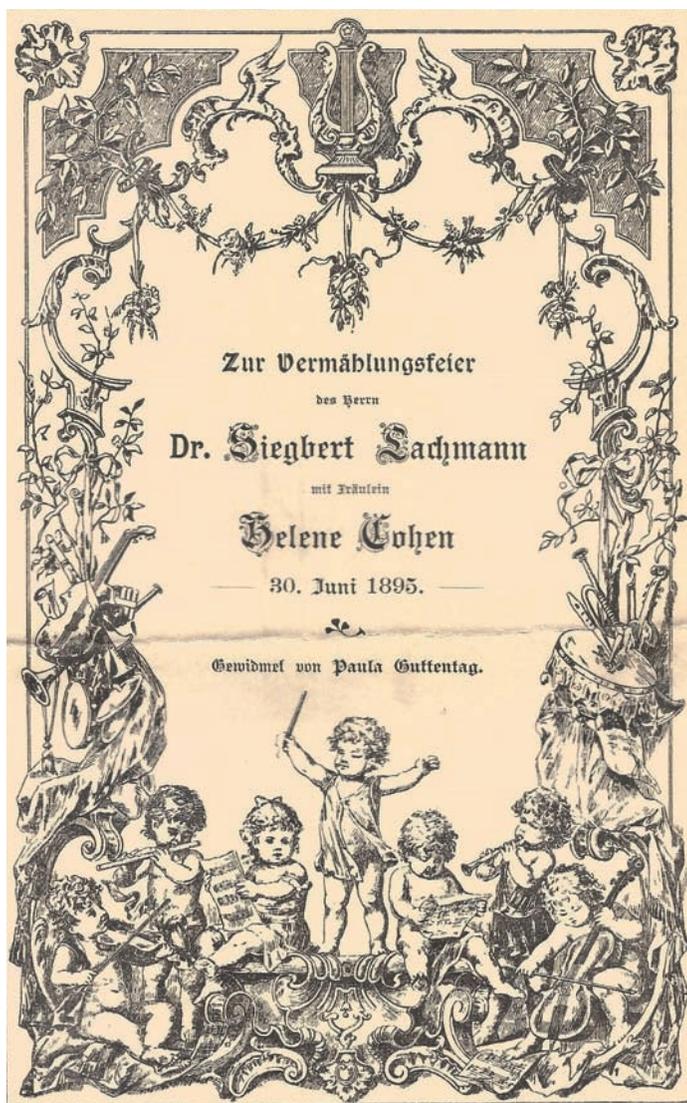


Figura 2: Capa de *Tafellied* (Canção jocosa)

Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

# Das Pantöffelchen!

Organ für Eheleute.

Er erscheint alle 25 Jahre einmal.

Für die Redaktion verantwortlich: Ulrich und Clara Leynsohn.

---

Nr. 1. Berlin, den 20. Mai. 1888.

---

Wochenschau.

**Montag.**

Schönste Zeit der Fitterwochen,  
Alles neu, noch nichts zerbrochen,  
Und das Mädchen da für Alles,  
Ist vortrefflich jedesalles.



**Mittwoch.**

Gustav kommt nach Haus um Drei,  
Hört, daß ohne Magd er sei,  
Schad't nichts, Mupschen, hab' nur Durst,  
Eisen, weist ja, ist mir Wurst.

---

**Dienstag.**

Die Köchin brummt: „Mir wundert sehr,  
Wo heut so lange bleibst der Herr.  
Is das so alle Tage hier,  
Madame, das wäre nicht vor mir.“

**Donnerstag.**

Gustav jubelt, das ist feht,  
Heute sind wir ganz allein!  
Doch um dieses zu verhindern,  
Trude kommt mit beiden Kindern.

---

**Freitag.**

Gustav: Die kleine Annie, meine Beste  
Und Dora sind heut' uns're Gäste.  
Emma (Schwachs): Ach, Kinder sind ganz schön,  
Aber nur die eigenen.

**Samstag.**

Emma: Premiers ist, Du wirst verstehn,  
Ich will in's Deutsche Theater gehn.  
Gustav: Theatergehn ist mir zu fad',  
Wir spielen heut bei Ulrichs Stat.

---

**Sonntag.**

Emma: Heut komm' mir nicht mit and'ren Sachen,  
Wir müssen bestimmt Visiten machen.  
Gustav: Visiten, Animm Mupschen, Kuß,  
Wronfer wartet bei Siechen, Schluß. (Ell' hören.)



Figura 3: Capa de *Tafellied* (Canção jocosa): *Das Pantöffelchen!* (A pantufinha!)  
Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

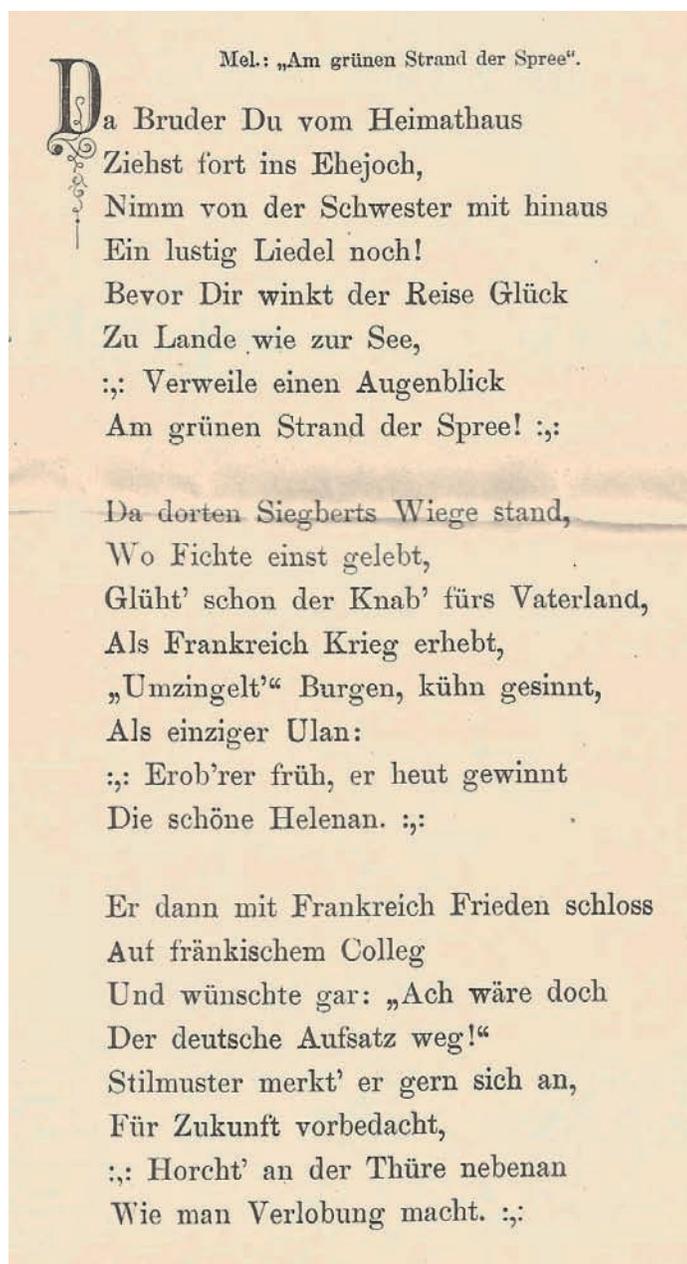


Figura 4: Texto de *Tafellied* (Canção jocosa)

Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

Der Messingkenner suchte Stahl  
Im Sommer mit Maman;  
Und Schwalbach, das er sah neunmal,  
Schlug trefflich bei ihm an:  
Berückte dort als kleiner Wicht  
Schon eine Maid mit List,  
∴ Da er (den Namen nennt man nicht)  
Die Schulter ihr geküsst. ∴

Wie Stoffe scheiden sich und Kraft,  
Chemie sie lehrt' es ihn,  
Dann mehrt' er selbst die Wissenschaft  
Betreffend Hydrastin.  
Doch lieber übt' als Scheidekunst  
Er Töne-Harmonien:  
∴ Besonders hoch steht jetzt in Gunst  
Vierhändig Spiel für ihn. ∴

Der Messing-Borchert ist aus Noth  
Durch Siegbert jetzo frei;  
Der fand das einzig sich're Loth,  
Kein Stab bricht mehr entzwei.  
Er prüft Metall, wie's innen sei,  
Wie sehr der Glanz auch glimmt:  
∴ Ein Köpfchen klug, ein Herzlein treu,  
Nur die Legirung stimmt. ∴

Einsam als Alpensteiger er  
Erklomm die Felsenwand;  
Doch da, dank Aegir und dem Meer,  
Am Heringsdorfer Strand  
Er leuchten eine Perle fand,  
Von Gluth erstrahlend heiss,  
∴ Zieht er fortan mit ihr selband  
Zum süssen „Edelweiss“. ∴

Figura 5: Texto de Tafellied (Canção jocosa)

Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

Beim Eislauf ihre Kälte schmolz,  
 Ein Wunder war gescheh'n;  
 Sie lacht ihm zu, die sonst so stolz:  
 Miss Sargent hat's geseh'n.  
 Was auf dem Ball er sprach, das Wort  
 Nach ihrem span'schen Tanz,  
 ;: Gefiel als span'scher Scherz schon dort:  
 Im Ernst gefällt es ganz. ;:

Das Steu'r auf Neuem See im Kahn  
 Dir, Lella, einst entglitt;  
 Trittst Du die Ehefahrt nun an,  
 So nimm die Mahnung mit,  
 Dass Dir das Steuer nie entfällt,  
 Wenn er in Stürmen ficht:  
 ;: Gern ist der Mann Pantoffelheld,  
 Nur merken darf er's nicht! ;:

Was wollt Ihr Kinder ganz allein  
 In weite Welt hinein?  
 Man kann in Potsdam glücklich sein:  
 Da giebt's Einsiedelei'n.  
 Doch Jugend hört nicht weises Wort;  
 Zieht froh denn über See  
 ;: Und kehret glücklich heim zum Port  
 Am grünen Strand der Spree! ;:



Figura 6: Texto de *Tafellied* (Canção jocosa)

Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.



Figura 7: Capa de *Tafellied* (Canção jocosa)

Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

alemão impressas com bom gosto para serem lidas e-ou cantadas durante festas de casamento de membros da comunidade judaica berlinense realizadas quase todas no século XIX, a partir de 1882; um folhetim contendo sessenta e um textos para uma cervejada – festa de cerveja

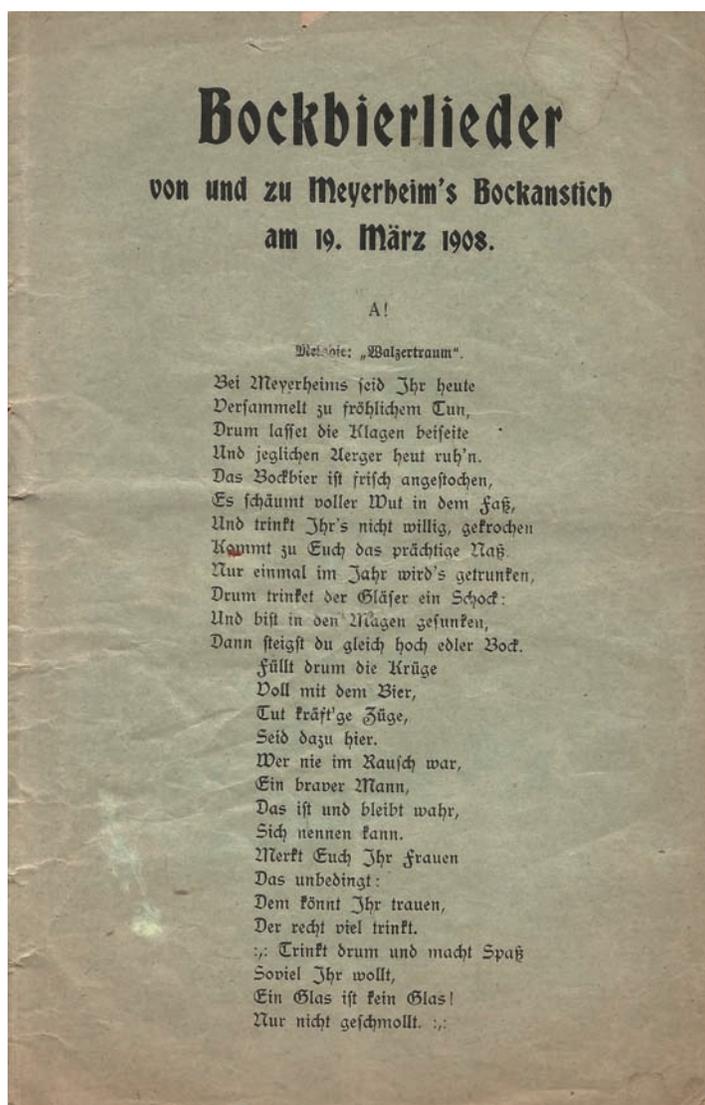


Figura 8: Capa de *Bockbierlieder* (Canções de cervejada)  
 Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

promovida por ou realizada em homenagem a alguém<sup>3</sup>, de 1908; e, ainda na mesma língua, textos rimados de celebração pela despedida do ano. A doação que mais se destaca nesse conjunto é a cópia do refinado livro de registro de refeições especiais pertencente à avó materna.

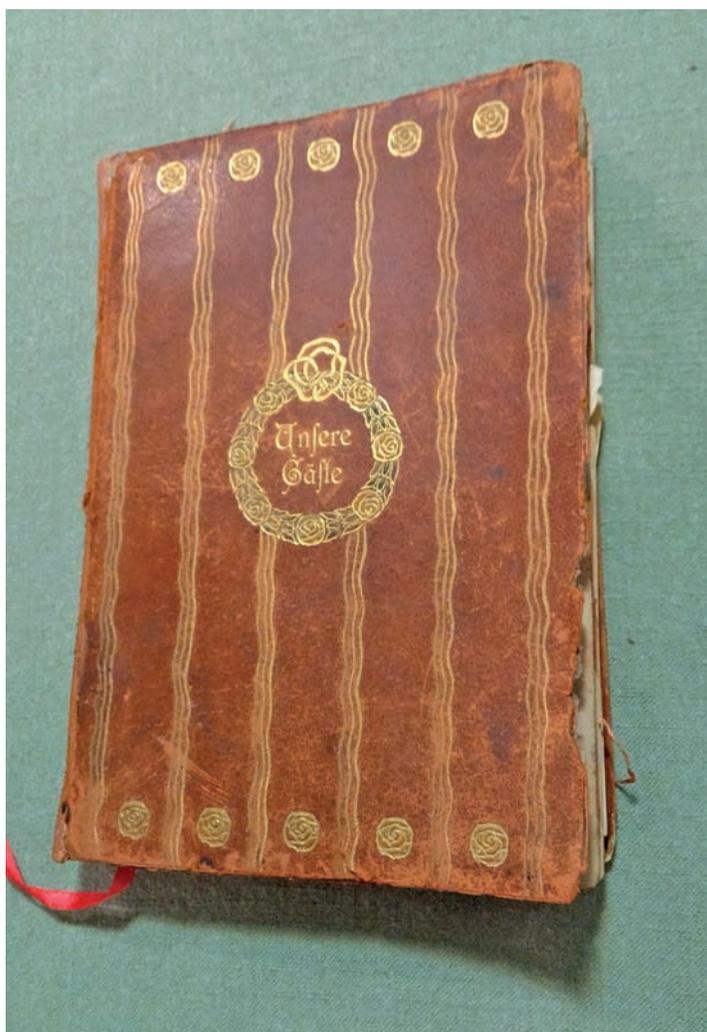


Figura 9: Capa de Unsere Gäste (Nossos convidados)  
Fonte: Facsimile: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Original:  
Acervo de Ellen McQuoid.

3 Hugo Meyerheim, 11.3.1908.

Sobre os *Tafellieder*, hábito indispensável nas celebrações das núpcias: são de onze casamentos<sup>4</sup>, o que significa que houve núpcias em que vários parentes ou amigos homenagearam simultaneamente e de forma diferente os noivos. De gêneros e dimensões diversos (tabloide, documento jurídico, programa teatral), saudavam os noivos e seus familiares. Quanto os textos eram para ser entoados, havia indicações das melodias que dariam o tom, tomadas em geral das operetas mais populares da época. Considerando que rádio e gramofones ainda não eram aparelhos disponíveis para difusão das músicas, pode-se inferir que elas se tornaram conhecidas pela alta frequência do público a teatros, cafês ou saraus musicais ou por meio de partituras que podiam ser estudadas e praticadas em casa. Os folhetins dessas homenagens rimadas aos noivos eram primorosamente impressos, com uma variedade de modelos de vinhetas indicando o refinamento cultural e artístico dos seus autores e aparato gráfico sofisticado para a sua impressão. Os demais materiais impressos doados seguiram modelos semelhantes.

- 4 Casal Anna Freudenthal e Albert Sabersky (3 textos – 21.5.1882)  
 # jornal humorístico a ser impresso a cada 25 anos; contém matérias diversas  
 # cartaz informativo de teatro com etiqueta de Max e Margarete Sabersky  
 # bilhete passe-partout para entrada para espetáculo, com cardápio, programa de teatro; uma das personagens é a Srta. Florette Freudenthal (nome de solteira de Florette Hagelberg)  
 . Casal Trude e Julius (não contém sobrenomes) (1 texto - 3.6.1885)  
 . Casal Emma Aron – Dr. Gustav Herrmann (advogado) (3 textos - 20.5.1888)  
 # formato de capa como documento de sentença judicial  
 # formato de tabloide com título *Das Pantöffelchen!*, lançado a cada 15 anos  
 . Casal Clara Lehwek - Carl Jacoby (1 texto - 19.3.1889)  
 . Casal Bianka Cohn - Richard Israel (1 texto - 18.1.1891)  
 . Casal Elise Belgrad - Joseph Brasch (2 textos - 22.2.1891)  
 . Casal Hetty Gerstmann - Arthur Hadra (2 textos - 7.4.1895)  
 . Casal Lella (Helene) Cohen - Dr. Siegbert Lachmann (5 textos - 30.6.1895)  
 . Casal Margarete Lippmann - Siegbert Stern (1 texto - 20.11.1898)  
 . Casal Else Sommerfeld - Hugo Mayerheim (1 texto - 26.5.1901)  
 # capa dura, como livro de coleção de biblioteca  
 . Casal Else [?] - Dr. Georg Wolfsohn (1 texto - 25.11.1903)  
 . parte de um tabloide 17.6.1906

O livro de registros de refeições festivas de Florette Hagelberg, iniciado poucos anos depois de ter se divorciado<sup>5</sup>, indica que ela era uma anfitriã caprichosa; foram anotadas, em letra gótica ou em letra cursiva comum, aproximadamente sessenta refeições especiais ou chás da tarde realizados durante quase trinta anos, de 27 de janeiro de 1912 a 29 de setembro de 1940, portanto quando já se desenrolava a II Guerra. Como o livro esteve abandonado e mal conservado por diversos anos, algumas folhas soltas podem induzir à contagem incorreta das refeições.

Elas ocorreram em seu belo apartamento à R. Litzenseeuffer 10-b, junto ao lago e parque Litzensee, um dos bonitos recantos berlinenses, ou em outros locais, como parques, ou durante viagens de navio. Segundo o modelo da época, o primoroso livro de registros contém os cardápios das refeições – pratos frios e quentes, incluindo as bebidas – vinhos, champanhe e cerveja de barril, entre outros, a música executada eventualmente – piano, violino e canto por membros da família ou convidados, decoração da mesa e observações e comentários na página do lado esquerdo e, no lado direito, a disposição das mesas e os lugares dos convidados. Há também alguns cartões marcadores de lugares às mesas. Filhos, parentes e amigos faziam parte do rol de convivas; por vezes, houve só uma turma de jovens.

5 Casou-se em 1893 e separou-se em 1908.

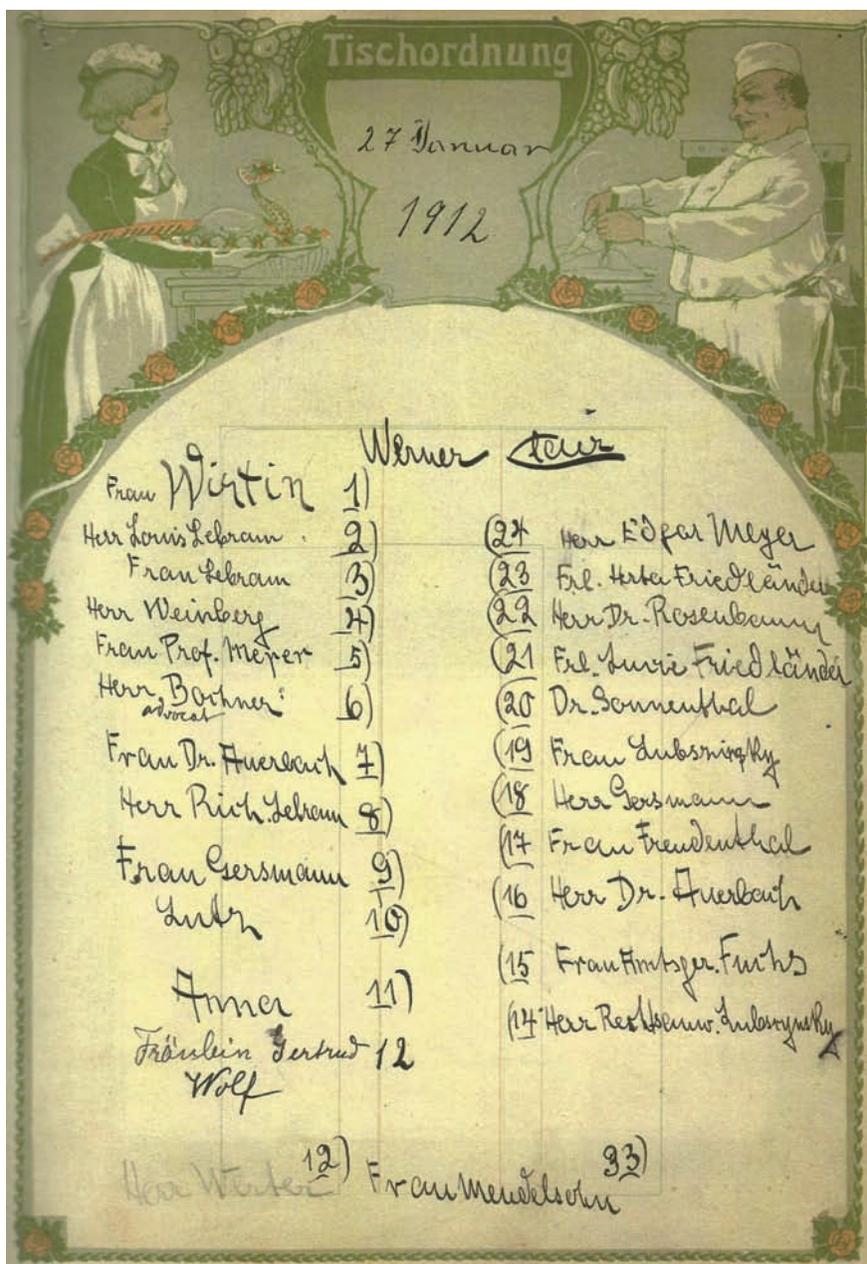


Figura 10: Disposição dos convidados à mesa

Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

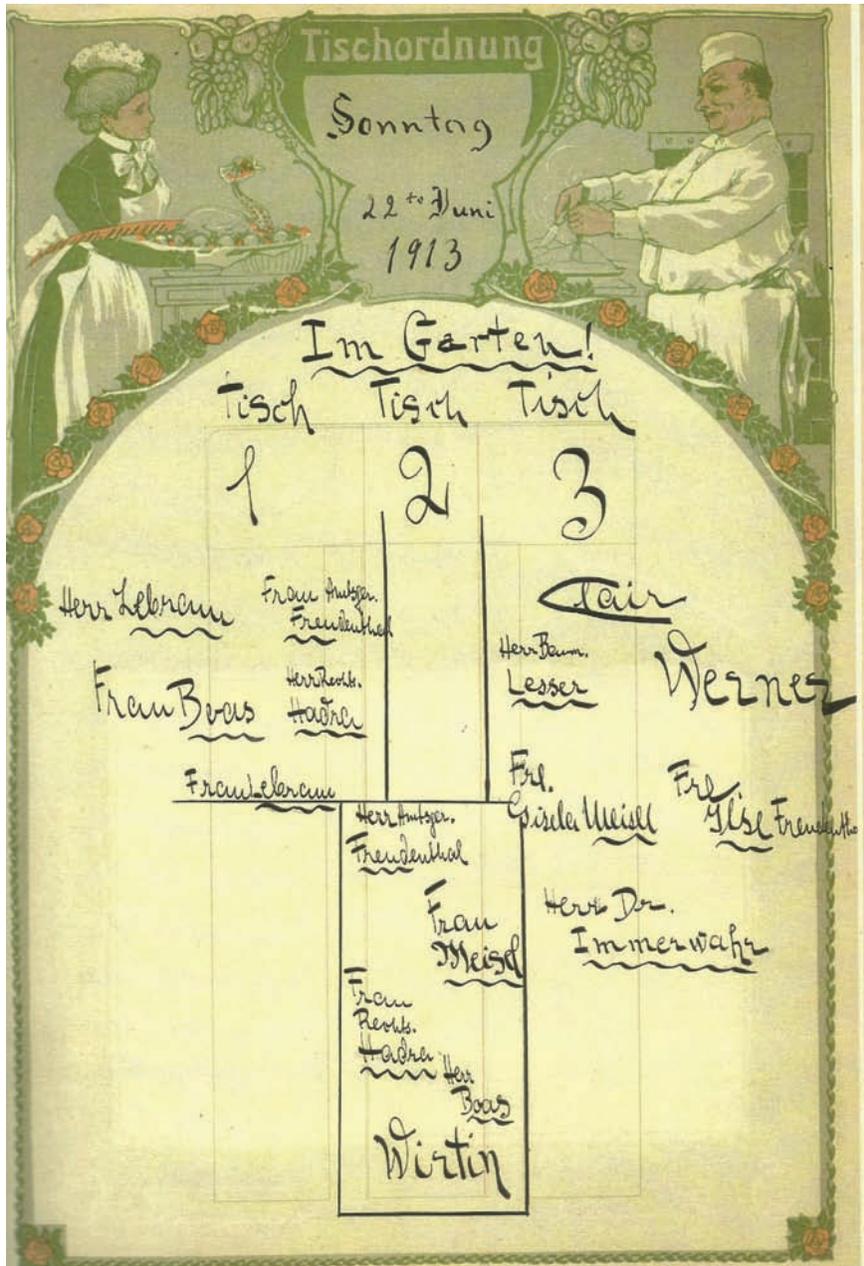


Figura 11: Disposição dos convidados em mesas no jardim  
 Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.



Figura 12: Indicadores dos lugares à mesa

Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

Motivos desses encontros: aniversários (algumas vezes da filha Claire (Clara [Hagelberg] Levy, 1894 - 1988), mãe da doadora Ellen, mesmo quando ela já havia partido da Alemanha); o aniversário do Kaiser celebrado em duas ocasiões – afinal ele morava perto, no Palácio de Charlottenburg, e acenava para as crianças da casa quando passava a cavalo diante do apartamento; a passagem do ano; Páscoa; início da temporada de um novo petisco, como o caranguejo; visitantes de outros países; despedida do filho Werner que partia para lutar na I Guerra Mundial. Fotos anexadas também ajudam a configurar o conjunto dessas refeições. Uma delas registra os cerca de cinquenta comensais militares em torno das duas mesas bem arranjadas. As assinaturas dos convivas registram suas respectivas patentes militares. Houve recepções de poucos convidados, mas várias contaram com mais de vinte pessoas. Novidades eram anotadas, como a inauguração, no Natal de 1913, do gramofone da família.

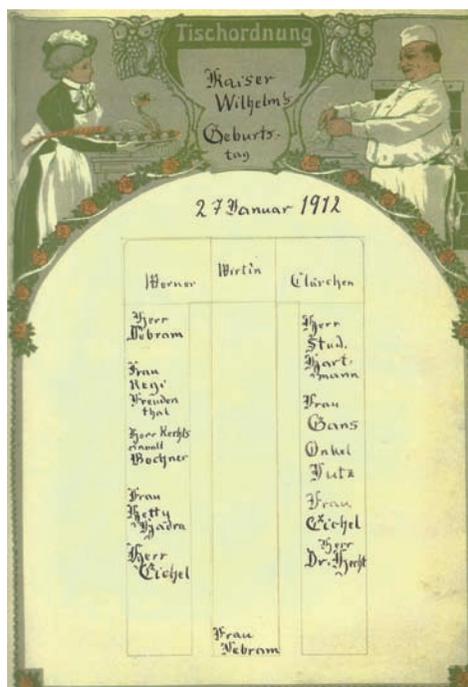


Figura 13: No dia do aniversário do Imperador

Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

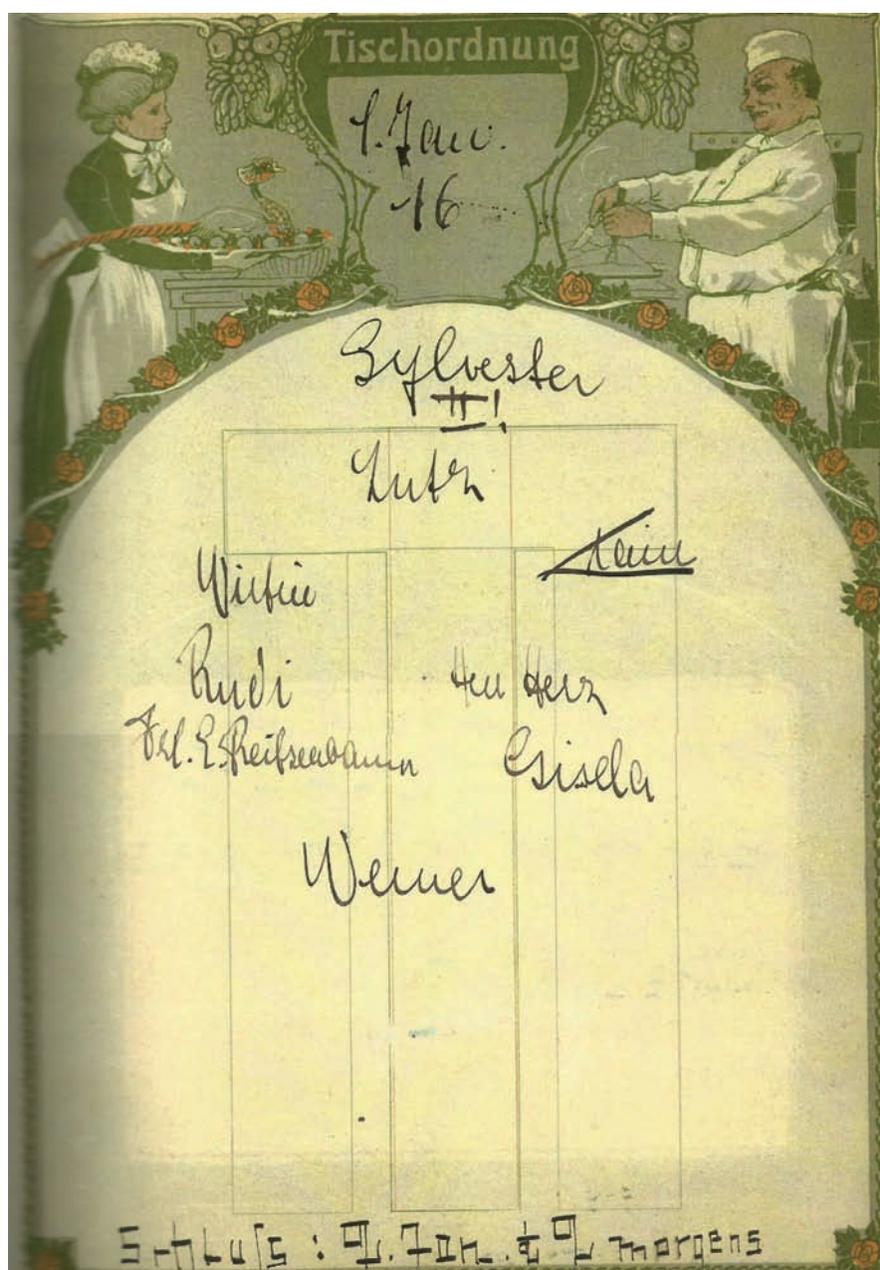


Figura 14: No ano novo, segunda celebração

Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

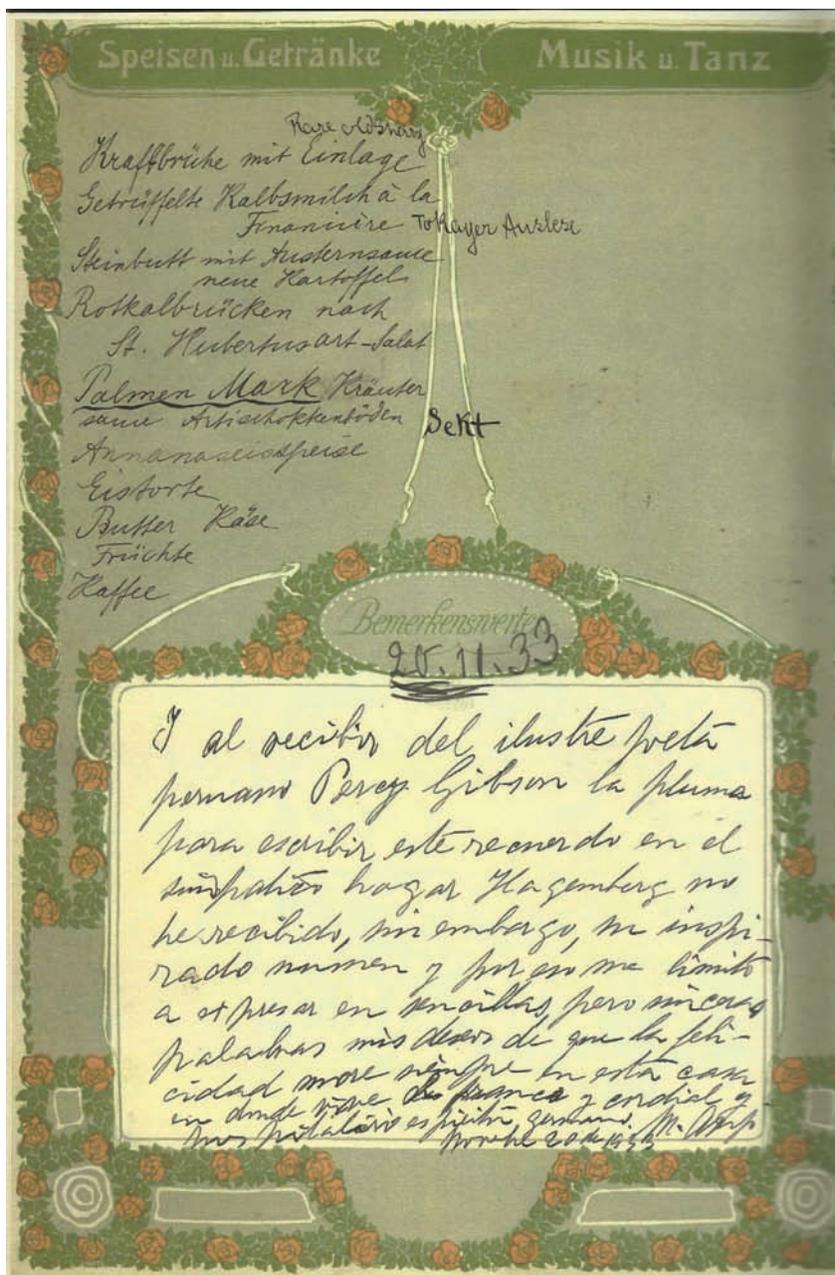


Figura 15: Cardápio e menção à presença do poeta Percy Gibson  
 Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.







Figura 18: Militares da I Guerra recepcionados na casa  
Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

Os registros bem ordenados nos primeiros anos, alguns em caligrafia gótica, vão se alternando, com o passar do tempo, com outros que não obedecem a uma natural sequência cronológica ou o espaço a ele destinado: comentários, lista de convidados, cardápios trocam de lugar nas páginas; a caligrafia ou textos apagados pelo tempo não facilitam a leitura dos cardápios ou o repertório das músicas executadas na ocasião ou as variadas observações. Todavia, o que é possível apurar proporciona bastante subsídios para que se possa fazer uma ampla apreciação do conteúdo e, conseqüentemente, da época e da vivência do círculo de Florette Hagelberg.

É apenas natural que o teor e fatura dos cardápios apontem para o bem-estar e o bom viver, mesmo que o número de refeições especiais, dividido pelos quase trinta anos de registro, resulte pequeno. No rol, peixes de diversos tipos, frutos do mar, carnes variadas, embutidos, sobremesas com destaque para ananás, queijos. Não há indicação de que a família fosse

seguidora das leis dietéticas judaicas de *kashrut*. O único momento em que se encontra menção à palavra *kasher*<sup>6</sup> consta em um dos folhetos jocosos já mencionados de celebração de casamentos, de 1882. A única palavra ídiche, ou melhor, hebraica, que adentrou o ídiche, encontrada foi *dalles*, no verso *Europa stirbt dann doch im DALLES!* – Então a Europa morre na pobreza - no texto de despedida de 1922 redigido por F. Freudenthal a ser lido às 23:45h do dia 31 de dezembro. O uso desses termos aponta para uma tênue vinculação a traços sobreviventes de vida judaica, seja como conceitos ou como usos vocabulares. Mesmo sem ser seguida, a *kashrut* era de conhecimento da comunidade. Quanto ao termo *Dalles*, seu uso indica uma conceituação cultural que, se substituída por uma tradução alemã, não expressaria o impacto do uso na língua dos ancestrais. Ellen declarou desconhecer o termo. O verso ainda aponta para a abordagem dos temas que preocupavam a todos nos anos posteriores à Guerra.

Com respeito aos comensais: como é habitual nas formas de tratamento em alemão, cada um deles está anotado com a respectiva apresentação – Senhor, Senhora, Senhorita, Doutor ou, no caso de esposa, Senhora do Doutor ou, quando se referia a alguém ocupando um cargo público, o título do cargo público ou posição dentro de uma categoria profissional. Assim como já se notava nos folhetins das canções jocosas, sobressai-se a quantidade de pessoas apresentadas como Doutor, principalmente advogados, conforme se lê nos folhetins de casamentos. Há também o título de Professor. Várias das pessoas que tinham sido anteriormente homenageadas em suas núpcias são as convidadas às mesas, em parte, parentes. Havia convidados de outros países e outras partes do mundo, de que se toma conhecimento pelos comentários e agradecimentos escritos em alemão, inglês ou espanhol. Eram provenientes da Austrália, Europa

6 *Fur die koschere Zubereitung wird 5 Jahre lang garantirt* (A preparação *kasher* tem garantia de cinco anos), no folheto de 21 de maio de 1882, dedicado ao casamento de Albert Sabersky e Anna Freudenthal, que gozou de três textos jocosos. Trata-se de um bilhete *passé-partout*, de acesso a todas as etapas da festividade; abrange cardápio, apresentação artística em que os personagens são representados pelos convidados jovens, fumador, danças e café. Do cardápio em francês: sopa, arroz de vitela, carne, filé, truta, salmão, costeleta de veado, aspargos, ganso, frango, salada de pepinos, suflê de ananás, sorvetes, sobremesa.

ou das Américas. Como destaque identificável, o nome do poeta peruano Percy Gibson (Jorge Antonio Percy Gibson Möller) natural de Arequipa. A casa de Florette Hagelberg foi sempre hospitaleira.

E quanto aos sentimentos expressos: constantes agradecimentos e apreço pelos bons momentos passados naquele ambiente se estendem pelas décadas. O esmero do registro das primeiras décadas dá lugar a escritas diversas menos elaboradas, algumas delas do filho mais novo de Florette, Ulrich, que permaneceu na casa em Berlim durante a guerra e, como a maior parte dos familiares, se salvou. Florette, de anfitriã, à cabeceira da mesa, como sempre se referira a si própria no registro, (*Wirtin*), passa a ser anotada como a mamãe, *Muttchen*, sentada ao lado de Ulli (Ulrich) com sua esposa Sarita. O último registro, sem data nem assinatura, aparentemente escrito a lápis e anexado ao livro, é um lamento dedicado ao belo lago adjacente, Lietzensee e seu parque, agora vazios. Florette Hagelberg morreu em 1942.

Tão interessante quanto o teor é a história da trajetória desse registro. Esse livro e demais documentos não foram levados por Ellen, a doadora, nem saíram do país em 1939. Clara, a filha de Florette e mãe de Ellen, já estava não só casada, mas também viúva e conseguiu escapar de Berlim uma semana antes do início da II Guerra Mundial com um passaporte datado de 23 de agosto de 1939, obtido por uma grande quantia e possivelmente não legítimo. Ela não abriu mão de seus bens no país pois, viúva, com filhos menores, tinha os bens bloqueados pelo testamento do falecido marido, Dr. Max Levy. O filho de Clara, Günter, já tinha sido contrabandeado para a Bélgica, sem qualquer documento, levado clandestinamente em uma cabine de trem de luxo pela segunda esposa do avô, Elisabeth, que, por não ser judia, podia se locomover sem entraves, e deixado com a filha desta, Isa (Louise) em Bruxelas. Louise, que igualmente não era judia, casou-se com Rolf Kaufmann, judeu alemão; transferiu-se em 1934 para a Bélgica. Durante a guerra, Rolf refugiou-se na Austrália, retornando somente após 1945.



Figura 19: Cédulas de marcos alemães desvalorizados  
Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

Clara Levy ou Clara Sara Levy - novo nome imposto pelos nazistas com o acréscimo de ‘Sara’<sup>7</sup>- usando documento menos identificador, onde constava o sobrenome Hagelberg de solteira, (sobrenome não comum entre judeus; trata-se do nome de uma localidade) e com autenticidade possivelmente duvidosa, e Ellen (Ellen Lore Sara Levy, segundo padrão nazista de nomes), a filha, partiram para a fronteira com a Holanda; na última cidade alemã jantaram, passearam, visitaram a propriedade que as acolheu por algumas horas e, em seguida, cruzaram a fronteira a pé para a cidade de Vaals, segundo haviam sido orientadas a fazer pelos ramos Levy e Arnhold da família paterna de Ellen. Dali dirigiram-se à Inglaterra, país para o qual tinham visto emitido em 25 de agosto de 1939 e onde viviam alguns dos Levy e dos Arnhold. Posteriormente, Günter, o irmão contrabandeado de Ellen, ainda sem ter documento próprio, se reencontrou com a família em Dover, na Inglaterra, para onde tinha sido embarcado no ferry pela tia. Estabeleceram-se em Londres onde viviam familiares do falecido marido Max Levy que os abrigaram. Em Londres, sobreviveram aos ataques aéreos passando as noites nos subterrâneos do metrô, para, nas manhãs seguintes, voltarem para casa e irem à escola. Em algum momento, como escolares, Ellen e o irmão foram levados a Barmouth, no País de Gales, localidade mais protegida que a bombardeada Londres. Devido à posse do passaporte alemão, denunciador de uma possível imigrante perigosa e traidora, Clara permaneceu detida em Liverpool por alguns meses. Graças à ajuda das autoridades locais que reconheceram em Clara uma judia pronta a ajudar o próximo, no filho Günter um jovem prestativo que dava aulas de piano a crianças da cidadezinha, Ellen e o irmão foram cuidados pela população local até a libertação da mãe. Instados pelos ramos dos Levy e dos Arnhold, que já tinham migrado para o Brasil, Clara e filhos, agora com novos vistos, partiram de Glasgow em 1941 e rumaram ao Brasil, via Canadá; chegaram em 5 de março de 1941 em um dos cinquenta navios que tinham partido em comboio, dos quais quatro foram afundados.

Antes de passar à parte brasileira desse relato, algumas observações ainda sobre o período europeu ajudam a compor a história dos portadores

7 Ao nome dos homens foi acrescido ‘Israel’.

dos mencionados papéis doados ao Museu Judaico de São Paulo e de como se deu a sua vida no contexto da elite judaica berlinense.

A família do avô paterno de Ellen, Louis Hagelberg<sup>8</sup>, era dona de importante indústria gráfica existente desde meados do século XIX, a mais inovadora de sua época, imprimindo (no sistema de impressão cromolitográfica através de matrizes em pedra) materiais como cartazes, cartões publicitários, embalagens, calendários, rótulos, livros de imagens, bem como cartões postais e de saudação, jogos e assim por diante e lidava com papéis de luxo. A excelência desse trabalho foi devidamente reconhecida pelo registro no Museu Martin Gropius de Berlim, e modelos de sua produção constam de sites dedicados à arte gráfica.

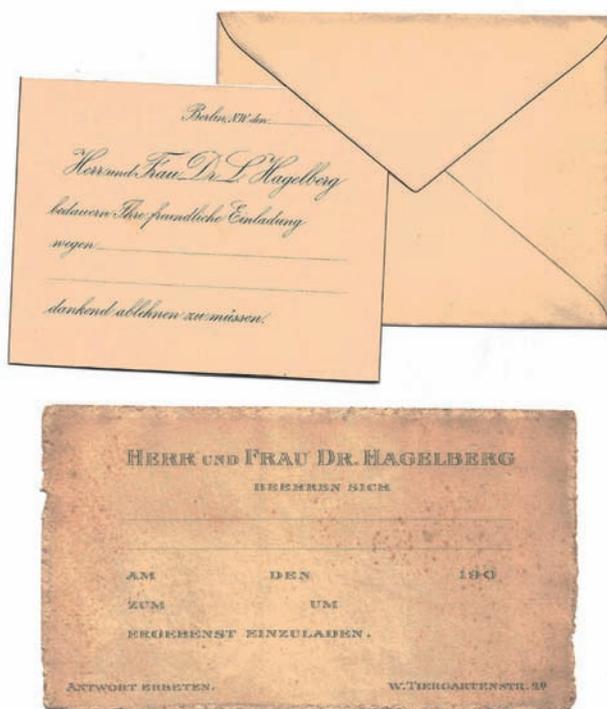


Figura 20: Material para correspondência

Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.

8 Louis Hagelberg (1865-1943).



Figura 21: Material para correspondência

Fonte: Acervo do Museu Judaico de São Paulo. Doação de Ellen McQuoid.



Figura 22: Prato de Max Levy, aluno da Universidade de Leipzig  
Fonte: Acervo de Ellen McQuoid.

Dr. Max Levy (1869-1932), pai de Ellen, era engenheiro elétrico, industrial e político, filho do banqueiro agrícola Moritz Levy, pai de Ellen, era engenheiro elétrico, industrial e político, filho do banqueiro agrícola Moritz Levy. Dedicou-se ao planejamento de instalações elétricas; inventou, entre outros, um interruptor de raios de mercúrio com duração de eletricidade regulável e fundou em 1897 a firma de nome Dr. Max Levy S/A, em Berlim, que fabricava aparelhos de Raios X, a primeira fábrica em

toda a Alemanha especializada nesse tipo de produto<sup>9</sup>. Manteve a patente do equipamento de Raios X por vinte e cinco anos, período durante o qual foi o único a produzi-lo no país. Em primeiras núpcias foi casado com Josephine Rathenau, prima do ministro de relações exteriores Walter Rathenau assassinado em 1922. Josephine foi importante sufragista, pioneira no movimento feminista. Josephine e Max foram membros do então recém-fundado Partido Democrático Alemão. Josephine foi vereadora. O pendor pelos direitos femininos também marcou a citada avó Florette, igualmente uma sufragista. Oscar Levy, irmão de Max, viveu a maior parte de sua vida na Inglaterra. Médico e filósofo, traduziu e editou obras de Nietzsche em inglês. As famílias Levy e Arnhold de banqueiros eram unidas por laços matrimoniais.

A menção desses traços familiares aqui presta-se a alguns propósitos, não só para expor o orgulho que Ellen externa pelo que foram e pelo que fizeram nos respectivos campos e aí inclui-se a falecida primeira esposa do pai, mas para apontá-la como modelo da vida da comunidade judaica berlinense liberal no final do século XIX e início do século XX, pelas posições que ocuparam, assim como por aquilo com que contribuíram ao país de origem, e, após a guerra, aos países onde se instalaram.

Por volta de 1914, o número de judeus na Alemanha não chegava a 1% da população do país. Viviam, em sua maioria, nas grandes cidades. Ainda antes da I Guerra Mundial, da qual participaram ativamente<sup>10</sup>, aproximadamente 24% da totalidade dos judeus alemães viviam em Berlim onde uma parcela deles atingiu elevado padrão de vida, cumprindo importantes papéis nos mais diversos setores até serem eliminados quase totalmente pelo regime nazista. Os numerosos estudos que tratam do sucesso da parcela comunitária judaica naquela época e até a II Guerra Mundial, tanto do ponto de vista histórico como sociológico, econômico e da sociologia econômica dão conta da vitalidade daquela comunidade. As análises, conclusivas ou não, por vezes mesmo contraditórias dos diversos

9 A partir de 1914, ali se desenvolveu um amplo programa de técnicas motoras para máquinas de ferramentaria, geradores, máquinas de costura e ventiladores.

10 Florette e Clara realizaram trabalho voluntário no Hospital Judaico e Werner alistou-se no exército.

fatores que levaram à posição de destaque, apontam para a importância dos assim denominados capitais econômico, humano e social nos quais estão englobadas a rede corporativa muito densa e estável dentro e fora da comunidade judaica, a educação, a tradição de atuação no ramo financeiro e bancário e de empreendedorismo, a afiliação étnica, a concentração em grandes cidades, principalmente Berlim, forte coesão social interna, estrita união interna e solidariedade ao grupo, endogamia, laços de família<sup>11</sup>.

Vários desses fatores podem ser deduzidos dos depoimentos dados por Ellen, lembrando que ela vivenciou esse universo em Berlim apenas durante a infância. Não há como aferir a proporção ou dimensão dos mesmos na vida da família na Alemanha, mas é certo que o peso maior de alguns deles foi responsável pela sobrevivência da maior parte dos familiares e, principalmente, pela vinda de Ellen, mãe e irmão e seu estabelecimento no Brasil.

A vinda ao Brasil prende-se a um capítulo de história não muito conhecido, o dos judeus de Rolândia. A abonada família Levy, junto com seus contraparentes Arnhold, por intermédio de seus negócios bancários, esteve envolvida em um empreendimento singular, uma negociação triangular, pelo qual alguns alemães (judeus, comunistas, nazistas e outros) receberam em troca de suas propriedades agrícolas na Alemanha glebas de igual dimensão na então inóspita e não desbravada localidade de Rolândia, no norte do estado do Paraná, e ali se estabeleceram nos anos 30 do século passado<sup>12</sup>. Oitenta famílias judias se salvaram dessa forma e se

11 Paul Windolf, da Universidade de Trier, faz interessante avaliação e comparação entre esses diversos fatores em seu estudo “The German-Jewish Economic Elite (1900-1933)”, *Zeitschrift für Unternehmensgeschichte/Journal of Business History* 56/2 (October 2011): 135-162. Disponível em <https://www.uni-trier.de/fileadmin/fb4/prof/SOZ/APO/WindolfMS577June10.pdf> (acesso em 04.05.2019).

12 Ethel Kosminsky, que pesquisou o tema há mais de trinta anos, informa que, naquela época, o empreendimento para atrair colonos provenientes de outros países ao Brasil era realizado por empresas privadas de colonização. Uma destas empresas foi a “Sociedade para Estudos Econômicos de Além-Mar” [Gesellschaft für Wirtschaftliche Studien in Übersee]. Segundo Kosminsky (p. 40), “Esta empresa era mista, reunindo a iniciativa privada e o Estado alemão. Como sócios figuravam dez bancos, as grandes companhias de navegação interessadas no transporte de passageiros para a América do Sul, representantes de partidos políticos e de indústrias. Foi esta empresa

estabeleceram em Rolândia. No total, 420 famílias trocaram suas terras na Alemanha por terras no Brasil. A permanência da cultura alemã foi a regra em Rolândia.

Como membro da família Levy, Clara Hagelberg ou Clara Levy recebeu uma minúscula gleba, o que permitiu a sua entrada legal no Brasil em 1941. Clara e filhos estabeleceram-se em São Paulo.

A maior parte dos familiares de Clara sobreviveu à guerra na própria Alemanha; um tio, Werner, aviador na I Guerra Mundial onde foi ferido, transferiu-se para Israel em 1932 e manteve um hotel em Jerusalém. Antes da II Guerra, a parte anterior do apartamento de Florette, aquela que registrou as refeições no livro, passara a ser usada pela embaixada da Guatemala. Ulrich, filho de Florette, casou-se com Sarita Sanches Y Royal,

---

que possibilitou a vinda de imigrantes alemães para Rolândia”. Um dos mencionados bancos era da família Levy. Alemães perseguidos por motivos religiosos e étnicos se dirigiram a Rolândia. Kohlhepp *et alii*, em estudo consolidado há décadas e há poucos anos traduzido para o português, destacam que “devido à restrição ao fluxo de saída de moeda estrangeira na Alemanha e às dificuldades em transferir dinheiro brasileiro para a Inglaterra, ocorreu o desenvolvimento de um negócio triangular de intercâmbio: a compra de material ferroviário da companhia ferroviária inglesa passou a ser efetuada – em vez de na Inglaterra – na Alemanha, onde o pagamento era feito com os bens dos imigrantes. Os valores foram transformados em crédito agrícola em Rolândia.” Ainda segundo Kosminsky, a Alemanha exigia dos imigrantes e descendentes a perpetuação da identidade étnica alemã, fator que preponderou no contexto dos imigrantes em Rolândia. Os vários aspectos desta imigração vêm sendo abordados em anos mais recentes em obras acadêmicas e de ficção no Brasil e na Alemanha. A obra mais nova é *Neue Heimat Brasilien - Die Flucht der Familien Levy und Arnhold nach ihren Briefen 1933 bis 1945*, de autoria de Dieter G. Maier e Jürgen Nürnberger, *Jüdische Miniaturen*, Hentrich & Hentrich, datada de abril de 2017. Ethel Volfzon Kosminsky, *Rolândia, a terra prometida. Judeus refugiados do nazismo no Norte do Paraná*, São Paulo 1985. Gerd Kohlhepp, Paulo Astor Soethe, Daniel Martineschen, Caio Heleno da Costa Pereira *et alii*, *Colonização agrária no Norte do Paraná: processos geoeconômicos e sociogeográficos de desenvolvimento de uma zona subtropical do Brasil sob a influência da plantação de café*, Maringá 2014: disponível em <https://books.google.com.br/books?id=tYidCwAAQBAJ&pg=PA68&lpg=PA68&dq=Gesellschaft+f%C3%BCr+Wirtschaftliche+Studien+in+%C3%9Cbersee&source=bl&ots=vM9W4sbdQY&sig=ORGpscLYiKP6jSZAbXtdwoXdgJc&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKewiDxueorUUhXFvJAKHcnsDukQ6AEIVTAI#v=onepage&q=Gesellschaft%20f%C3%BCr%20Wirtschaftliche%20Studien%20in%20%C3%9Cbersee&f=false> (acesso: 4.5.2019).

a filha do embaixador. A fachada oficial, mesmo após o rompimento das relações entre Guatemala e Alemanha, deu guarida à antiga dona da casa e aos seus familiares. Somente muitos anos após o final da guerra, quando o edifício devastado passou a ser recuperado pelo governo alemão, é que dali foram retirados os bens e objetos pertencentes à antiga moradora ou que foram deixados sob a guarda da família, e que tinham ficado protegidos por uma parede dupla ou falsa que provavelmente ficava entre a representação diplomática e a moradia.

Três caixas que se encontravam sob um piano foram salvas do lixo; continham fotos, documentos, papéis diversos, que foram transferidos ao Brasil há apenas cerca de dez anos.

ELLEN – alemã, brasileira, judia

A confortável infância de Ellen, vivida no seio de uma família judaica alemã do ramo liberal, sofreu os estremecimentos dos últimos anos que antecederam a II Guerra Mundial. Em meio aos cinco anos de estudo na escola judaica de Grunewald, Ellen, a partir de 1936, ouvia e entendia as dificuldades pelos quais os judeus passavam. Sabia-se protegida enquanto acompanhava os temores que abalavam todos. Ia para a escola no carro da família. Por precaução, o veículo estava registrado como sendo de propriedade do motorista, um alemão não-judeu. Como os demais empregados da família, ele cumpriu a seu serviço até o último momento da permanência de Ellen e a mãe em Berlim. Foi ele que as conduziu à estação ferroviária de onde deixaram o país.

Os anos de estudo na Inglaterra foram conturbados pela guerra. No Brasil, Ellen estudou de 1941 a 1946 na escola americana Graded School e ali concluiu o ensino médio. Recepcionada com afeto pelos educadores, Ellen logo se ambientou e entrosou-se no grupo em que os colegas, como ela, provinham de países diversos, com culturas, rotas de imigração e histórias variadas. Seu nível de conhecimento e preparo permitiram que ela avançasse um ano nos estudos. A acolhida afável, o encontro com novos colegas cuja amizade perduraria pelas décadas seguintes, foram fecundados com os parâmetros básicos do pensamento estadunidense em voga naquela época e propugnados na escola, de acordo com as promessas do presidente americano Roosevelt, de liberdade de expressão, liberdade

religiosa, liberdade de viver sem penúria e liberdade de viver sem medo.

Esses parâmetros de liberdade instilaram em Ellen, assim como nos colegas, a decisão de não deixarem o Brasil, de aqui se instalarem e construírem as suas vidas. Conforme suas próprias palavras, o período escolar da adolescência foi o mais feliz de sua vida: além de não estar sujeita a nenhuma experiência antissemita, gozou da tranquilidade, da sensação de poder se encaixar nessa vida e de pertencer a algo que fora excluído à força de seu universo anterior.

Ao fim dos estudos seguiram-se dois anos de trabalho, de 1946 a 1948, na empresa Anderson & Clayton, após o que conseguiu ir cursar fotografia por dois anos na Universidade de Ohio, na cidade de Athens, nos Estados Unidos, com o fotógrafo C. E. White. Ellen pretendia ser decoradora, mas desenhar não era o seu forte. Fotolito foi o setor que lhe ofereceu a possibilidade de emprego e, quando regressou em 1950, trabalhou na empresa americana Kodak, com foto e litografia, no setor gráfico de separação de cores, em uma época em que dificilmente uma mulher teria chance de se envolver em qualquer trabalho técnico. Acompanhando o vendedor da Kodak, a Ellen cabia a instalação dos laboratórios e ensinar um funcionário a trabalhar com a separação de cores. Nessa função, Ellen conheceu e treinou os seus primeiros laboratoristas.

Entrementes, Curt Arnhold, seu parente por parte de pai, que havia saído antes da Alemanha, cuja família se estabelecera em Londres, que já havia orientado Ellen e a mãe a como fugir da Alemanha, que tinha recebido de volta a representação da empresa alemã Agfa em São Paulo, foi novamente de grande ajuda oferecendo a Ellen a possibilidade de treinamento na Agfa e de se tornar *Laborleiter* (encarregada de laboratório trabalhando com cores) para poder instalar no Brasil o primeiro equipamento e o sistema da Agfacolor. Em 1952, Ellen voltou com a mãe à Alemanha onde aprendeu na mesma Agfa as funções a serem desenvolvidas como encarregada de laboratório especializada em cores e o uso e instalação dos setores de trabalho com cores daquela empresa.

A década de 50 e o retorno à Alemanha representaram importante ponto de virada na vida de Ellen. Nos anos anteriores ela se confrontara com a dificuldade de entender e aceitar o relacionamento duplo dos familiares

mais idosos com o país natal, especialmente com a cidade de Berlim. Os anos de guerra e de perdas de raízes e de solo firme se sobrepujam a sentimentos de pertença afirmativa ao país que planejara a exclusão, ao ponto de eliminação, de todos os judeus. As declarações dos familiares de que provinham de uma outra Alemanha onde produziram, prosperaram e para a qual contribuíram não eram convincentes e nem suficientes para abafar os sentimentos negativos arraigados naqueles que foram atingidos diretamente pela opressão nazista e destituídos de sua nacionalidade.

Todavia, a necessidade de voltar ao solo europeu para encontrar ou reencontrar familiares, recuperar os bens da família e a oportunidade única de aprimoramento profissional foram a opção prioritária para aquele momento. A recepção respeitosa no ambiente da Agfa contribuiu positivamente para o entendimento de que um país e sua população podem apresentar mais de uma faceta e mais do que uma história. Era algo que ela já havia experimentado de forma negativa, como judia, enquanto estudou nos Estados Unidos, onde, apesar de convidada a fazer parte da mais tradicional fraternidade universitária feminina onde estudava, Pi Beta Phi, (conhecida como Pi Phi), teve de deixá-la ao informar a sua condição de judia.

Foi na etapa na Agfa que Ellen passou a entender e a aceitar a Alemanha de seus antepassados, em que seus pais e avós tinham se sobressaído nos universos cultural, econômico e social. Somente muitos anos mais tarde, Ellen decidiu obter o passaporte do país natal.

De volta a S. Paulo, Ellen manteve por sete anos um laboratório fotográfico no centro da cidade, na Av. São João, a partir de 1954, vinculado à empresa dos primos Arnhold. Em 1957, em viagem à Europa e aos Estados Unidos com a mãe, obteve licenças das principais marcas de filmes do exterior. A partir dessa posição privilegiada, trabalhou também para atender o mercado do Rio de Janeiro, para o que contou com bons colaboradores. Entretanto, este ritmo frenético não se mostrou tão vantajoso quanto ela esperou; a solução veio do empresário Curt Schulze que atuava no Rio e sugeriu a junção dos laboratórios de ambos.

Em 1961, tendo deixado de lado o mercado carioca, uniu-se à empresa Foto Curt para formar Foto Curt Coloprint, já com seu segundo marido,

Jack Trout. Curt, Jack, Ellen e Erika, esposa de Curt, compartilhavam o trabalho técnico e administrativo na Rua Maria Antônia e no escritório na Rua Barão de Itapetininga, 50, além do antigo endereço na Av. São João. Em 1966, quando foi inaugurado o primeiro grande shopping center em São Paulo, Shopping Iguatemi, veio o convite para montar ali uma loja.

Em 1968, Ellen e Jack venderam a sua parte no laboratório para Curt que chegaria a ter 155 lojas, a maior rede do ramo na América do Sul. Ellen mudou-se, com o marido e os dois filhos, Daniel McQuoid e Andrew Trout respectivamente, para os Estados Unidos, para a meca do cinema, Hollywood.

Ali, novamente laços de família entraram em ação e a levaram a comprar a então famosa Beverly Hills Camera Shop, em 417 N. Beverly Drive, BH Califórnia, de Sigrid Arnhold Schaefer, sua contraparente. Essa loja era ponto de passagem de artistas e famosos do mundo cinematográfico, desde a sua fundação em 1936. Contudo, em 1975, insatisfeita com o resultado financeiro, e já prevendo o fim de lojas de alto luxo vendendo exclusivamente equipamento para profissionais e artistas do meio cinematográfico, teve uma chance de vender a Camera Shop e retornar ao Brasil, numa viagem exploratória de campistas, seguindo pela Rodovia Pan-americana, realizando a grande expedição de sua vida, a última como família.

Em São Paulo, voltou a atuar junto à Socecal, a empresa de Gerard Arnhold e, com ela abriu em 1980 uma Camera Shop na então famosa e disputada Rua Augusta, rua em que durante treze anos dominou o mercado de fotografia que tinha crescido enormemente.

Ela então fotografou, vendeu, lecionou fotografia como fazia nos Estados Unidos; seus alunos, depois amigos, se sobressaíram com exposições bem sucedidas e trabalham no ramo até hoje. Quando deixou de ter contrato com a Kodak, em 1992, já prevendo as grandes reviravoltas no ramo que deixariam o setor de laboratório fotográfico colorido para trás, e não conseguindo mais alugar o imóvel em que se situava a loja devido à morte do proprietário e consequentes problemas de herança, Ellen fechou a sua loja após anos de atuação no setor em São Paulo.

Passou então a dedicar-se, como voluntária, às atividades da Global

Harmony, organização sem fins lucrativos orientada para o desenvolvimento humano, com diversos programas no Brasil, além de outros países.

Na Alemanha, como foi comum entre famílias da elite judaica, tinha seguido a linha reformista liberal. O avô Hagelberg foi um dos fundadores da congregação da Fasanenstrasse em Berlim. Quando as noites da sexta-feira era passada com esse avô, ele ajudava as crianças e se confrontavam com suas diversas situações próprias e a dirimir as dificuldades inerentes à idade. No país de Gales, no período da guerra, a rara e inesperada *chanukiá* brotava, na data certa, dos parques pertences trazidos do país natal. Em São Paulo, as celebrações de *bar mitsvá* de Gunther e da própria *bat mitsvá* foram realizadas em conjunto, tardiamente, na Congregação Israelita Paulista, com a família do pai, Dr. Max Levy, e os irmãos, as irmãs e os filhos deles.



Figura 23: *Chanuquiá* (candelabro de Chanucá) de Clara Levy  
Fonte: Acervo de Ellen McQuoid.

Os membros da família Hagelberg, que era berlinense, foram enterrados no cemitério judaico Weissensee. Somente o Dr. Max Levy e a família de Ellen foram sepultados no cemitério intercomunitário Waldfriedhof Dahlem. Clara Levy e o irmão Ulrich Hagelberg fizeram reerguer uma tumba conjunta de vários familiares, após a caída do Muro de Berlim, já que o cemitério original tinha sido completamente destruído.

Como judia convicta, nenhum tema judaico ou de Israel passa em branco para Ellen: está sempre atenta e atualizada.

Ellen vive em São Paulo; seus dois filhos, Daniel e Andrew, noras e os cinco netos dividem-se entre Brasil e vários outros países.



Figura 24: Memorial de Clara Levy, Max Levy e Florette Hagelberg em Waldfriedhof Dahlem, Berlim

Fonte: [https://de.wikipedia.org/wiki/Max\\_Levy\\_\(Ingenieur\)](https://de.wikipedia.org/wiki/Max_Levy_(Ingenieur))



Figura 25: Ellen Mcquoid aos 90. S. Paulo, setembro de 2018  
Fonte: Acervo de Ellen McQuoid.

Pelos documentos, Ellen é brasileira e alemã. Pela alma, brasileira e judia, o que hoje em dia significa para ela *citizen of the world*, cidadã do mundo; conforme suas próprias palavras; nessa altura não escolheria ou trocaria a identidade, mesmo se pudesse.